

Visões sobre as serpentes: répteis ou monstros?

The way snakes are seen: reptiles or monsters?

Beatriz Nunes Cosendey

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
bianunes@intermatica.com.br

Simone Rocha Salomão

Universidade Federal Fluminense
simonesalomao@uol.com.br

Resumo

Este trabalho pretendeu contribuir para uma visão mais racional e desmistificada acerca das serpentes, refletindo sobre como são retratadas pela mídia e abordadas culturalmente. Foram selecionados filmes comerciais que tratam das serpentes, sendo algumas cenas editadas e divididas em temas para discussão junto a alunas de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense. Inicialmente, aplicou-se um questionário acerca dos conhecimentos e sentimentos das participantes sobre serpentes. Houve a exibição dos filmes, seguida de debate buscando esclarecer equívocos e crenças que prejudicassem de alguma forma a população ou o próprio animal. Após análise, percebeu-se que os filmes geralmente exploram o tema de maneira exagerada, mesclando científico com imaginário. O questionário evidenciou que lendas antigas ainda são vigentes, que o medo predomina quando o assunto é serpente e que métodos arcaicos de primeiros socorros ainda são utilizados. O debate permitiu confrontar crenças e esclarecer dúvidas, contribuindo para uma visão mais satisfatória sobre esses animais.

Palavras chave: serpente, crenças, ensino

Abstract

This project was aimed at providing a more rational and demystified view of snakes, analyzing how media portrays them and their role in culture. Some commercial films about snakes have been selected, and some of their scenes edited and divided into topics for discussion among students of Pedagogy in Universidade Federal Fluminense. At first, they answered a questionnaire about their feelings about and knowledge of snakes. Then, the films were screened, and a debate, intended at clearing doubts and shattering beliefs that could somehow cause harm to the population or the animals themselves, followed. The final conclusion was that films exaggerate this topic, mixing scientific and imaginary. The questionnaire made it clear that old legends are still alive, that snakes are still feared and that

outdated first aid techniques are still in use. The debate made it possible to question beliefs and clarify doubts, increasing the knowledge about these animals.

Key words: snake, beliefs, teaching

Introdução

A partir de uma busca na literatura, foi possível verificar que muitos trabalhos abordam o uso de recursos midiáticos, como os filmes, caracterizando-os como bons recursos lúdicos para a sala de aula (BRAZ & GUIDO, 2012; OLIVEIRA & REIS, 2007; CAMPOS & SOUZA, 2003; DIONYSIO & DIONYSIO, 2012; LISBOA & RAZUCK, 2012; SANTOS E SCHEID, 2012 e SOUSA *et al*, 2012). É ressaltado, no entanto, que o educador deve saber as potencialidades e restrições dos filmes, exercendo o papel de mediador entre a mídia e a educação e auxiliando os alunos a adquirir uma visão mais crítica sobre tais materiais.

Apesar de a prática da utilização de filmes como recurso didático ser antiga (GUSMÃO, 2011), poucos são os trabalhos que avaliam a influência que podem causar na pré-formação dos conceitos fora do ambiente escolar. Sendo assim, cabe ao campo dos Estudos Culturais o trabalho de –educar para a mídia, questionando e não simplesmente aceitando tudo o que é transmitido.

Os filmes promovem uma abordagem discursiva sobre estereótipos e representações do real (FRIEDRICH & SCHEID, 2012) que se integra ao processo de aprendizagem. No entanto, tal aprendizado está imbricado com a bagagem cultural do telespectador: dependendo dos seus conhecimentos prévios, a realidade pode ser facilmente separada da ficção, caso contrário, pode contribuir para a sedimentação de conceitos equivocados. Os significados que os filmes assumem para cada telespectador estão relacionados com o conceito estabelecido do mundo à sua volta (SANCHES, 2007). Como cita Duarte (2002 *apud* KINDEL, 2007), determinadas experiências culturais, associadas a certa maneira de ver os filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo.

No ensino de Ciências, alguns conteúdos constituem-se como um desafio dentro da sala de aula, pois geralmente trazem dúvidas tanto para alunos quanto para professores. Normalmente são temas que envolvem religião, credices e lendas. As serpentes são exemplos de animais rodeados de mitos. O medo das pessoas em relação aos ofídios (proveniente das histórias e estimulado pelos filmes) faz com que muitas serpentes sejam mortas na tentativa de –legítima defesa, apesar da maior parte dos acidentes ser causada devido à imprudência humana.

De acordo com Freitas (2003), a matança de serpentes ocorre devido à falta de informação de algumas pessoas que, por acreditarem que aquele animal é vil, optam por matá-lo sem ao menos separarem o que é mito do que é realidade. O autor acrescenta que esse –raciocínio lógico é fruto de uma educação mal executada durante décadas em nosso país.

Com a urbanização crescente, o contato com esses animais está cada vez mais comum, aumentando a necessidade de uma Educação Ambiental para evitar futuras extinções. Além da preocupação com a fauna, há ainda o problema de saúde pública; a divulgação de medidas de primeiros socorros inadequadas pode levar a sérios problemas de saúde. Erros conceituais em relação a esses animais estão presentes desde a escola, nos livros didáticos, fazendo com que conceitos equivocados perpetuem.

Objetivos

Este trabalho teve como objetivo averiguar o conhecimento prévio de licenciandos de Pedagogia acerca das serpentes e o discernimento dos mesmos entre verdades e mitos que cercam esses animais, bem como a influência que os filmes comerciais podem exercer no conhecimento e nas concepções dos espectadores. Além disso, pretendeu-se trabalhar o conteúdo de forma que futuros professores possam difundir a ideia de que as serpentes não são máquinas de matar, mas sim animais que apenas querem se defender.

Metodologia

Para o desenvolvimento do trabalho, inicialmente, foi realizada uma pesquisa sobre filmes comerciais que tinham como personagem principal as serpentes. Todos foram assistidos integralmente, tendo sido selecionados para a pesquisa seis deles, a saber:

- 1- -O Ataque das Cobras, de 1976;
- 2- -Anaconda 1, de 1997;
- 3- -Anaconda 2: A caçada pela Orquídea Sangrenta, de 2004;
- 4- -Boa: a Cobra Assassina, de 2006;
- 5- -Serpentes a bordo, de 2006;
- 6- -Mega Snake, de 2007.

As 53 cenas que continham informações sobre as serpentes foram editadas e agrupadas em temas (total de 20) de acordo com o assunto explorado.

Em seguida foi elaborado um questionário contendo duas partes: a primeira com dados pessoais sobre o entrevistado e a segunda com cinco perguntas discursivas e cinco de múltipla escolha, a fim de reunir informações sobre o conhecimento prévio acerca dos ofídios. O questionário não continha identificação visando deixar os participantes mais a vontade em suas respostas. É importante ressaltar que em todas as questões objetivas, os participantes poderiam escolher quantas opções achassem necessário.

O percurso determinado foi primeiramente aplicar o questionário para os participantes, visando evitar qualquer influência dos filmes sobre suas respostas, sendo seguido pela visualização das cenas editadas e culminando em um debate final.

As atividades foram desenvolvidas em uma turma do curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense, com 33 alunas, durante a disciplina EJA – Educação de Jovens e Adultos. A disciplina na qual a pesquisa foi realizada está de acordo com o objetivo da mesma, uma vez que atuando em turmas de EJA as futuras pedagogas irão lidar com alunos de faixa etária e referenciais culturais diversos, aspectos presentes no perfil de alunos dessa modalidade de ensino.

As respostas ao questionário e as anotações em diário de campo sobre o debate após a exibição dos filmes foram objetos de análise quantitativa e qualitativa.

Resultados e Discussão

Os temas selecionados a partir dos filmes foram escolhidos por incitar alguma forma de debate, tendo sido explorados individualmente com as alunas. Após a análise dos mesmos, pode-se perceber que a maioria dos filmes apresenta uma visão dúbia da realidade, com forte carga ficcional. Porém, também se podem ver muitas questões aproveitáveis para o ensino, úteis para explicar a biologia e ecologia das serpentes de forma mais dinâmica.

Em relação ao questionário, conforme foi dito, ele foi aplicado para 33 participantes com a finalidade de se obter uma mostra dos conhecimentos prévios das alunas sobre o tema.

Ao responderem a questão sobre o que sentiam em relação às serpentes, de todas as participantes, apenas duas não assinalaram ter medo, uma por não saber dizer que sentimento teria ao encontrar o animal e a outra por dizer apenas ter repulsa, que foi a segunda opção mais escolhida pela turma. Apesar de incluído nas opções, nenhum sentimento bom foi vinculado a esse animal.

A segunda e terceira perguntas discursivas se diferenciavam no fato de que a primeira questionava sobre histórias reais, enquanto a segunda pedia para que descrevessem uma lenda ou mito que conheciam. Pretendia-se com isso conhecer o discernimento que cada uma fazia entre ficção e realidade. Versões sobre a lenda da cobra que mama no peito das mães e coloca o rabo na boca da criança para ela não chorar, apareceram quatro vezes, duas vezes descritas como verdade e duas como lenda. Outra lenda relatada foi a da serpente retirar seus olhos e dançar, a fim de enfeitiçar outro animal para, então, roubar os olhos do mesmo. A referência à Bíblia foi feita duas vezes, ambas classificadas como lendas. Quatro pessoas responderam que a prática de sugar o veneno da pessoa que foi picada para limpar o sangue é uma lenda, sendo que uma delas acredita que o método correto de primeiros socorros (questão 8) é fazer um garrote. Outros casos pessoais e dúvidas foram relatados nessa questão. Três pessoas, ao escreverem uma história que conheciam, fizeram citação sobre a serpente engolir animais grandes, sendo duas delas referentes a um boi inteiro e outra a uma reportagem de jornal que mostrou um menino que havia sido engolido pela serpente, ficando apenas com a cabeça para fora. Dentre as histórias relatadas, quatro comentam sobre o –poder de matança da cobra e o medo que as histórias transmitem, sendo que duas ligaram essas informações a filmes assistidos. Outros fatos comentados nessa questão, como situações que chamam a atenção, foram: a agilidade das serpentes; cada serpente possuir uma característica diferente; o fato de não saber diferenciar uma serpente peçonhenta de uma não peçonhenta; relato de um programa de televisão sobre serpentes, que questiona como pode ser tão assustador um animal que não tem patas, nem muitos dentes e enxerga mal.

Das quatro pessoas que falaram sobre a serpente mamar no peito da mãe, três já moraram e têm parentes que moram na região rural e uma não esclareceu esse aspecto. Dentre as quatro, três têm entre 39 e 59 anos. A aluna que relatou a lenda da cobra tirar os olhos e enfeitiçar os animais diz não ter parentes que moram na região rural, mas não respondeu se já morou. Das duas participantes que comentaram o episódio da serpente engolir um boi inteiro, uma já morou e tem parentes que moram na região rural e outra não possui nenhuma ligação.

As serpentes, assim como todos os répteis, não possuem língua carnosa nem músculos móveis nos lábios (SILVA *et al*, 2005), impedindo-lhes de fazer o movimento de sucção. Isto prova que o fato de a serpente mamar, tanto em uma mulher quanto em uma vaca, constitui-se em

uma lenda. Algumas das lendas relatadas nas respostas ao questionário são conhecidas desde a antiguidade, segundo os relatos de Vital Brazil em seu livro (BRAZIL, 1911).

Quando questionadas se já haviam tido contato direto com serpentes, doze responderam afirmativamente, sendo que dessas, duas disseram ter tido contato apenas em instituições e uma com o animal já morto. Já outras duas conhecem pessoas que têm ou já tiveram contato; três relatam que algum parente já teve e quatro que elas próprias já se depararam com uma. Desses últimos nove relatos, em duas situações a serpente era um animal de estimação, e em outras quatro esse encontro terminou com a morte do animal.

Em relação à questão cinco, nenhuma das participantes assume saber diferenciar uma serpente peçonhenta de uma não peçonhenta. Das seis que disseram ter suas dúvidas, quatro assinalaram, na sexta questão, que explorava características diferenciais, a opção cabeça triangular; três diferenças nas cores; e duas assinalaram a opção presença ou ausência de fosseta loreal, sendo que apenas uma marcou essa como única opção dentre as citadas. Das dezessete que disseram não saber diferenciar, três preferiram nem arriscar um palpite. Dentre as outras catorze, cabeça triangular foi assinalada onze vezes; diferença nas cores sete vezes; cauda que afina lentamente ou de maneira brusca foi assinalada duas vezes; presença ou ausência de fosseta loreal apenas uma, porém juntamente com outras alternativas.

Sobre isso, dentre as alternativas propostas, a mais segura para diferenciar uma serpente brasileira peçonhenta de uma não peçonhenta é a presença de fosseta loreal. Existem duas famílias que abrigam todas as espécies de cobras peçonhentas no Brasil: Elapidae e Viperidae. Suas espécies estão divididas em quatro grupos (botrópico, laquético, crotálico e elapídico). Dentre todas, apenas os gêneros *Micrurus* e *Leptomicrurus* (da família Elapidae), conhecidas como corais-verdadeiras (BERNARDE, 2009), são peçonhentas e não possuem fosseta loreal; todas as espécies da família Viperidae possuem esse orifício. Das vinte e três participantes, apenas três marcaram esta como sendo a opção correta, sendo que duas escolheram também outras alternativas.

Todas as outras opções disponíveis nesta questão são muitas vezes difundidas pelos livros didáticos, porém, esses critérios não são uma boa opção de diferenciação no Brasil. Os livros didáticos classificam as serpentes peçonhentas como tendo a cabeça triangular destacada do corpo (presente em 65,2% das respostas), cauda que afina rapidamente (presente em 8,7% das respostas) e com a pupila em forma de fenda. No entanto, algumas espécies brasileiras, como os boídeos (jibóia, sucuri), possuem a cabeça triangular e não são peçonhentas; a cauda afinar brusca ou lentamente está relacionado, por exemplo, ao dimorfismo sexual (SANDRIN *et al*, 2005), possuindo os machos cauda mais longa e grossa, para abrigar os músculos retratores do hemipênis (SILVA *et al*, 2005); a pupila em forma de fenda está ligada aos hábitos noturnos do animal, característica que não é restrita aos peçonhentos. Sabemos que as características físicas citadas foram importadas de Portugal como forma de diferenciação das serpentes peçonhentas e não peçonhentas de lá, não se mostrando, dessa forma, eficientes para as espécies brasileiras. Outro ponto também muito difundido é a questão das cores. As corais-verdadeiras são conhecidas por terem anéis pretos, brancos e vermelhos ao redor do corpo. Entretanto, falsas corais podem possuir o mesmo padrão de cor, enquanto corais verdadeiras podem não possuir esses anéis, apresentando-se nas cores preta, branca ou marrom. Aproximadamente 95,6% das participantes acreditam nas informações que vemos comumente em livros didáticos. Isso pode fazer com que alguns, querendo se defender, matem uma serpente por considerarem-na peçonhenta, sem que isso seja verdade.

Quando questionadas sobre o motivo de as serpentes picarem uma pessoa, dezessete escolheram a opção –para se defender|. A opção –porque está com medo| foi assinalada 10 vezes. Onze participantes consideraram que a picada acontece como uma forma de ataque, três assinalaram a opção –porque está com fome|, três –por acidente| e três –porque está com raiva| e uma não assinalou nenhuma das opções. A partir desse resultado, é interessante notar que, apesar do medo e repulsa evidenciados por muitas participantes na primeira questão, 86,9% acham que as serpentes picam uma pessoa por defesa ou porque estão com medo. Muitas vezes, essas respostas eram misturadas com a visão de que a serpente é um animal agressivo, atacando também por outros motivos.

Em relação às medidas de socorro que tomariam em caso de acidente ofídico, uma disse não saber o que fazer e a metade restante das participantes citaram medidas como torniquete ou chupar o veneno, mesmo que seguido de levar a vítima ao médico. Essa medida já foi muito usada antigamente, mas ainda é difundida e aparece inclusive em um dos filmes visualizados. O uso do garrote faz com que o veneno se acumule em uma região pequena do corpo, fazendo com que sua ação seja mais intensa e conseqüentemente maior o dano. O uso do garrote provavelmente fará com que a pessoa tenha que amputar o membro ferido. Já o uso de objetos cortantes para perfurar o local antes de sugar o veneno pode ajudar a inflamar a região (bem como a própria saliva da pessoa que está sugando), causar hemorragias, além de ser um risco para quem está realizando a sucção devido à alta irrigação da mucosa bucal. Dessa forma, a medida correta a ser tomada é lavar o local com água e sabão (citado por quatro alunas), manter a vítima calma e em repouso (citado por uma), fazer com que a vítima beba bastante água e encaminhá-la para o polo de atendimento mais próximo (citado por dezenove). Duas alunas ainda lembraram ser importante identificar a serpente (levando-a ou tirando uma foto) para a utilização do soro adequado.

Em relação à questão nove, que perguntava quais animais estavam dentro da capacidade de uma serpente comer, apenas 34,8% não acreditam que as serpentes sejam capazes de engolir animais de grande porte, como um boi ou uma pessoa adulta. Isso está de acordo com a opinião de que as serpentes são animais vorazes que atacam e comem tudo que veem pela frente. Além de atingirem grandes tamanhos, alguns animais possuem ossatura larga (caso do boi e do homem, por exemplo) o que dificulta a passagem pelo corpo da serpente.

Em relação à última questão, dezoito participantes disseram que os filmes comerciais, em sua maioria, são sensacionalistas. Uma ressaltou que, apesar disso, muitas pessoas (como ela própria quando criança) podem acreditar no que é transmitido. Outras quatro dizem que depende do estilo do filme ou que às vezes mesclam ficção com realidade (exagero do real). Uma participante diz que não assiste a esse tipo de filme por medo, logo não saberia opinar.

Foi interessante notar que, durante a realização do debate, surgiu a dúvida, apresentada pela maior parte das participantes, de qual seria a diferença entre cobra e serpente. Segundo Sandrin *et al* (2005), em termos acadêmicos, –cobra| seria usado apenas para identificar as do gênero *Naja*; uma vez que essa espécie não é brasileira, aqui existiriam apenas serpentes. No entanto, cotidianamente, as duas podem ser utilizadas como sinônimo. Porém, como esta dúvida foi esclarecida apenas durante o debate, aparentemente, todo o questionário foi desenvolvido tendo como referência à cobra um animal pequeno e inofensivo, e à serpente um peçonhento.

O questionário proposto, assim como o utilizado por Mury & Winagraski (2012), pretendia identificar o conhecimento dos participantes sobre alguns aspectos específicos das serpentes.

Em ambos, foi possível perceber que a informação sobre alguns assuntos (como o que fazer em caso de acidentes, reconhecimento de serpentes peçonhentas, entre outros), ainda é muito defasada.

Considerações Finais

Este trabalho pretendeu investigar a interferência que a mídia exerce nos saberes populares. A partir de um tema polêmico – as serpentes – foi estudado o possível nível de influência dos filmes comerciais nos conhecimentos prévios de alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense.

Após a aplicação dos questionários, foi possível perceber que os conhecimentos prévios baseados nas crendices populares estão presentes também dentro das universidades, não sendo necessário sair do meio acadêmico para estudá-los. Esta conclusão é importante, pois contradiz o senso comum de que as crendices são características apenas das áreas rurais, inexistindo no meio urbano e acadêmico. Ao contrário, elas existem e se difundem se não forem devidamente trabalhadas.

Como complementação do trabalho, foi realizado um debate orientado e explicativo para dar um fechamento às discussões abertas pelo questionário e pela exibição dos filmes. Ao final do debate, perguntamos se o trabalho havia ajudado a desmistificar as serpentes e diminuir o medo que esses animais proporcionavam. O consenso geral foi de que o mito foi um pouco desconstruído, fazendo com que as enxergassem de forma mais racional e percebessem a importância do tema para o trabalho com os alunos nas escolas, porém, o medo ainda estava bastante presente. Os resultados encontrados nos sugerem, assim, a pertinência de novos estudos que suscitem e ampliem a discussão do tema junto a alunos e professores.

Referências

- BERNARDE, P.S. (2009) Acidentes ofídicos. Laboratório de herpetologia, UFAC
Sandrin, M.F.N.; Puerto, G.; Nardi, R. (2005) Serpentes e acidentes ofídicos: um estudo sobre erros conceituais em livros didáticos. *Investigações em Ensino de Ciências*, 10(3): 281-298.
- BRAZIL, V. (1911) *A Defesa Contra o Ophidismo*. São Paulo. Pocai & Weiss, 141p.
- BRAZ, C.S.; GUIDO, L.F.E. (2012) Luz, câmera, ação: as representações de ciência, cultura e identidade no filme UP: Altas Aventuras. In: *anais IV EREBIO e II ENEBIO da Regional 4*.
- CAMPOS, C.C.G.; SOUZA, S.J. (2003) Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. *Psicologia: Ciência e Profissão* 23(1): 10p.
- DIONYSIO, R.B.; DIONYSIO, L.G.M. (2012). Utilização do vídeo -Tudo se transforma— ligações químicas— como ferramenta para o ensino de Química a estudantes de ensino médio. In: *anais VI EREBIO Regional 2*. CEFET/RJ
- FREITAS, M.A. (2003) *Serpentes Brasileiras*. Bahia. Proquigel Química, 160p.

- FRIEDRICH, S.P.; SCHEID, N.M.J. (2012) O cinema como tecnologia para o estudo das representações ambientais presentes no filme Avatar. *In: anais IV EREBIO e II ENEBIO da Regional 4.*
- GUSMÃO, M.S. (2011) Cinema e Educação: algumas referências entre memórias e processos de formação. cinemasemfronteiras.ning.com <acessado dia 17/01/12>
- KINDEL, E.A.I. (2007) A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais... *In: Ensaios em Estudos Culturais, Educação e Ciência: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia instâncias e práticas contemporâneas*, org. Kindel, E.A.I., 1: 223-235.
- LISBOA, I.A.; RAZUCK, R.C.S.R (2012) O uso do desenho animado como recurso didático – filme Rio. *In: anais IV ENEBIO e II EREBIO da Regional 4.*
- MURY, W.V.; WINAGRASKI, E. (2012) Serpentes peçonhentas e não peçonhentas: estudo sobre as concepções dos alunos. *In: anais VI EREBIO Regional 2.* CEFET/RJ
- OLIVEIRA, M.C.P.; REIS, M.S.A. (2007) A influência da televisão no comportamento da criança de educação infantil. *In: anais XXIII Congresso de Educação do Sudeste Goiano.*
- SANCHES, A. (2007) *Entre Clones, Transgênicos e Células-Tronco: A revista Nova Escola ensinando genética e biotecnologia para professores* (Dissertação). Programa de pós-graduação em Educação. ULBRA Canoas.
- SANDRIN, M.F.N.; PUORTO, G.; NARDI, R. Serpentes e acidentes ofídicos: um estudo sobre erros conceituais em livros didáticos. *Investigações em Ensino de Ciências*, v. 10, n. 3, p. 281-298, 2005.
- SANTOS, M.Z.M.; SCHEID, M.N.J. (2012) A utilização de filmes no ensino de ciências: contribuições do projeto cinema com ciência. *In: anais IV ENEBIO e II EREBIO da Regional 4.*
- SILVA, S.T.; TIBURCIO, I.C.S; CORREIA, G.Q.C.; AQUINO, R.C.T. (2005) Escorpiões, aranhas e serpentes: aspectos gerais e espécies de interesse médico no Estado de Alagoas. *In: Série: Conversando Sobre Ciências em Alagoas*, 54pp.
- SOUSA, B.M; FRANÇA, A.R.N.; SANTOS, T.C.S.; AGUIAR, F.A.; DA SILVA, D.M.S.; RAZUCK, R.C.S.R. (2012) A atuação do PIBID no processo de elaboração de atividades lúdicas – o ensino de anfíbios e répteis com jogos pedagógicos. *In: anais IV ENEBIO e II EREBIO da Regional 4.*